

Brasil adverte para ameaça aos países ricos

Do enviado especial

Washington — "A crise mundial do endividamento externo está começando a se tornar uma crescente ameaça para as economias desenvolvidas, mais do que para os países devedores" — advertiu ontem o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, durante um discurso na reunião do Brasilinvest, na presença de banqueiros, empresários e do assessor da Casa Branca para assuntos de comércio, William Brock, que respondeu em seguida com a apresentação de números mostrando que os Estados Unidos estão importando mais produtos latino-americanos do que em qualquer outra época.

Galvães disse que houve progressos relativos na situação do endividamento externo, em consequência de ajustes feitos tanto pelos devedores quanto pelas nações industrializadas, "mas as perspectivas para o próximo ano não parecem tão encorajadoras quanto os números projetados para 1984, pois se espera uma substancial desaceleração no crescimento econômico e ainda não há indicação clara de medidas para reduzir as taxas internacionais de juros e as barreiras protecionistas". O Ministro foi convidado a falar pelo presidente do Brasilinvest, Mario Garnero.

No final do seu pronunciamento, Galvães fez referência ao discurso que o presidente americano, Ronald Reagan, havia feito pela manhã na Assembleia do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, dizendo esperar também um esforço conjunto entre países em desenvolvimento e nações industrializadas, para

superar a ameaça de nova crise financeira mundial. O tom do discurso do Ministro foi grave, demonstrando que o Brasil não pretende ficar se ajustando sozinho se não houver cooperação dos Estados Unidos para reduzir seu déficit fiscal, que é a causa dos altos juros, e diminuir as barreiras à entrada de produtos dos países devedores.

"O problema da dívida é internacional, e não apenas um problema dos países em desenvolvimento" — afirmou, acrescentando que os países industrializados devem tomar providências "em seu próprio interesse". Disse também que as nações endividadas esperam que os EUA tenham em mente seu papel como parceiro comercial. "Nós queremos que os países desenvolvidos, queremos que os Estados Unidos da América dêem atenção prioritária ao seu papel essencial como parceiros na econômica mundial, para corrigir as práticas que estão contribuindo para gerar os desequilíbrios nas economias em desenvolvimento".

Afirmou ainda que não existe nenhuma simetria na crise da dívida externa, como não há simetria nas soluções e nos sacrifícios que vêm sendo feitos. "O lado injusto da crise que ela coloca um peso desigual sobre diferentes grupos de países, e neste sentido as medidas sugeridas ou adotadas para a solução do problema acabam jogando um peso muito maior sobre os ombros dos devedores". Lembrou que os processos de ajustamento das economias em desenvolvimento estão voltados basicamente para a restauração do equilíbrio de suas contas externas, enquanto nos

países industrializados existe a mesma necessidade de ajustamento, "ou uma necessidade ainda maior".

O Ministro atacou também as barreiras comerciais adotadas pelos países industrializados para compensar a falta de competitividade de suas indústrias em diversos setores, dizendo que "seria um erro acreditar que estes desequilíbrios sejam de natureza passageira, podendo ser assim corrigidos com os remédios do protecionismo", porque na realidade se trata de um problema de revolução tecnológica permanente. Ao responder a Galvães, o assessor para assuntos de Comércio do governo americano, William Brock, procurou mostrar que existe muito mais protecionismo entre os próprios países de desenvolvimento do que entre estes e o mercado americano. Ele apresentou dados para mostrar que o mercado dos Estados Unidos nunca absorveu tanta importação da América Latina como durante este ano.

Declarou ainda que no primeiro semestre deste ano os Estados Unidos absorveram cerca de 25 por cento de todas as exportações da América Latina e que, neste contexto, seu país tem sido o principal consumidor para produtos da região. De qualquer forma, o conselheiro de Ronald Reagan concordou que a questão das altas taxas de juros e do comércio mundial precisa ser enfocada de maneira global, manifestando sua esperança de que isto possa ocorrer na reunião do comitê de desenvolvimento do FMI/Banco Mundial, acertada para abril do próximo ano.